

A CULTURA THENETEHARA NA ALDEIA CURURU

THENETEHARA CULTURE IN THE CURURU VILLAGE

Elmorane Vilarins de Sousa Guajajara 1

Paulo Sergio Castro Pereira 2

Resumo: Analisa a cultura da etnia Tenetehara, através de estudos e pesquisas realizadas na aldeia Cururu, município de Arame Maranhão. Busca compreender seu modo de viver, seus rituais, seus costumes e suas crenças. Neste âmbito aborda há necessidade de se conhecer mais sobre essas comunidades, uma vez que suas histórias de vivência são orais e pouco conhecidas. O estudo tem como finalidade valorizar a cultura desses povos, desconstruir ideias negativas a respeito e fortalecer seus saberes e tradições. O trabalho visa expor questões sobre o preconceito e disseminar bons conceitos sobre a etnia. Apresenta a preocupação com o destino do povo Tenetehara, que tem sido alvo de discriminações desde a chegada dos colonizadores no Brasil. Relata que, atualmente, muitos jovens da aldeia já não se interessam mais pelas festas tradicionais, contribuindo para o desaparecimento da cultura indígena. Enfatiza a importância de conscientizar as crianças e os jovens indígenas sobre a preservação dessas tradições.

Palavras-chave: Cultura. Indígena. Discriminação. Brasil.

Abstract: To analyze the culture of the Tenetehara ethnic group, through studies and research carried out in the Cururu village, in the municipality of Arame Maranhão. It seeks to understand their way of life, their rituals, their customs and their beliefs. In this context, it addresses the need to know more about these communities, since their life stories are oral and little known. The study aims to value the culture of these peoples, deconstruct negative ideas about it and strengthen their knowledge and traditions. The work aims to expose questions about prejudice and disseminate good concepts about ethnicity. For this, a bibliographic review and field research will be carried out. It presents the concern with the fate of the Tenetehara people, who have been the target of discrimination since the arrival of the colonizers in Brazil. He reports that, currently, many young people in the village are no longer interested in traditional festivals, contributing to the disappearance of indigenous culture. It emphasizes the importance of making indigenous children and young people aware of the maintenance of these traditions.

Keywords: Culture. Indigenous. Discrimination. Brazil.

Graduada em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA/PARFOR) Grajaú. Professora da rede Municipal. ORCID: 0009-0007-1820-6436. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3654353233840230>. Email vilarinsguajajara@ufma.br

Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão, Brasil. Professor da Universidade Federal do Maranhão. Diretor Colégio Universitário – Colun (UFMA). ORCID: 0009-0004-7926-2392 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3768876840208818>. E-mail: paulo.castro@ufma.br

Introdução

O estudo tem como objetivo levar um pouco do conhecimento sobre a cultura indígena para outras pessoas, valorizando sua história e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira. Através desse trabalho espero contribuir para desconstruir as ideias negativas a respeito desses povos e contribuir para que se fortaleça os saberes e as tradições indígenas.

No decorrer deste trabalho pude perceber como a nova geração do povo Tenetehara vem perdendo a sua língua materna, suas festas, sua cultura, passando a adquirir novos costumes nesse processo de aproximação com o “homem branco”.

Buscarei aqui falar de umas das festas que ainda prevalece, a festa da menina moça, o ritual feito para a mãe D’água, uma deusa que somente os anciões da aldeia cultuavam e hoje já não existe mais, porém, é importante falar um pouco deste ritual que deixou de existir pelo processo de aproximação com os outros povos. Em seguida, falarei também ao longo deste trabalho sobre Tupã, o Senhor de todas as coisas, e os alimentos que são cultivados na aldeia Cururu.

Para este estudo fizemos uma revisão bibliográfica sobre o assunto abordado, recorrendo a artigos, livros e documentos oficiais sobre o tema da pesquisa. Depois, realizarei a pesquisa de campo onde farei a entrevista com as pessoas da comunidade sobre a oralidade e a memória, já que são raros documentos concretos. Para isso, utilizam-se filmagens e imagens para retratar a vida dos indígenas dentro do seu habitat.

Os Povos Indígenas no Brasil

Sabemos que no Brasil não existe somente uma etnia como muitos pensam, há vários povos indígenas espalhados no território brasileiro divididos em tribos, cada um com sua denominação, tradições, línguas, rituais e culturas diferentes.

As culturas constituem para a humanidade um patrimônio de diversidade, no sentido de apresentarem soluções de organização do pensamento e de exploração de um meio que é, ao mesmo tempo, social e natural. (...) quando se fala do valor da sócio-diversidade, não se está falando de traços culturais e sim de processos. Para mantê-los em andamento, o que se tem de garantir é a sobrevivência das sociedades que os produzem. (CARNEIRO, 2009, p. 273).

Com respeito à citação anterior, Carneiro (2009) fala da importância de se preservar as sociedades tradicionais para que a cultura possa sobreviver. Para ele, só existe cultura porque as sociedades existem, pois é através delas que tudo acontece. No passado e atualmente não foi isso que aconteceu, porque pouco se faz para a preservação da cultura desses povos e os governos não criam medidas preventivas nem políticas públicas que contribuam para a expansão dessa cultura que aos poucos está deixando de existir.

Assim, segundo o Censo 2010, das 896 mil pessoas que se declaravam ou se consideravam indígenas, 572 mil, 63,8% viviam na área rural e 512 mil ou 57,7% moravam em terras indígenas oficialmente reconhecidas. Ainda, segundo o Censo 2010, a idade e o sexo da população indígena apresentam estrutura diferenciada conforme a sua localização. Fora das Terras Indígenas, o número de pessoas jovens é menor em comparação com a população não indígena.

Já dentro das Terras Indígenas, pelo contrário, a base é alargada, o que indica ainda uma alta taxa de natalidade entre as mulheres. A presença masculina (51,6%) é predominante dentro das Terras Indígenas, enquanto a feminina (51,3%) predomina fora delas.

Em relação às mulheres indígenas que vivem fora da aldeia, pode-se dizer que a maioria vai morar na cidade ou em outras regiões que não é área Indígena, através de relacionamentos com homens não indígenas e para buscarem melhores condições financeiras e uma educação

de qualidade nas cidades, pois a educação ainda é muito precária nas terras indígenas.

O Censo 2010 também pesquisou a taxa de alfabetização das pessoas indígenas de 15 anos ou mais, situando em 90,4% sendo que nas Terras Indígenas 32,3% ainda são analfabetos. Esses dados vêm nos mostrar o quão é precária a educação indígena e como os governos não investem em políticas públicas na área da educação para melhorar a questão do analfabetismo. Também revelou que um total de 37,4% dos indígenas de 5 anos ou mais falavam uma língua indígena, como também notaram que 17,5% não falava a língua portuguesa. Esses números aumentam para 57,3%, quando se avalia somente aqueles que vivem dentro da área indígena, e 28,8% para aqueles que não falam a língua portuguesa.

Ainda, segundo o Censo 2010, há 274 línguas indígenas faladas por pessoas que pertencem a 305 etnias diferentes, esses dados ultrapassam os da FUNAI, porém, no que se diz respeito ao número total de línguas e etnias, o Censo propõe um estudo linguístico e antropológico mais aprofundado, pois pode ser que a língua declarada pode ser a variação de uma mesma língua, do mesmo modo pode acontecer com uma etnia.

Assim, o Censo 2010 vem nos mostrar o quanto os indígenas do Brasil são povos de várias culturas e línguas, vivendo nas cidades ou em terras Indígenas, por isso não pode ser generalizado como um só povo, falante de uma mesma língua e praticante dos mesmos rituais.

Somos a continuação de um fio que nasceu há muito tempo. Vindo de outros lugares. Iniciado por outras pessoas. Completado, remendado, costurado e continuado por nós. De forma mais simples, poderíamos dizer que temos uma ancestralidade, um passado uma tradição que precisa ser continuada, costurada, bricolada todo o dia (...). Será se nossos educadores se preocupam em conhecer a sua história de vida e ajudar os educandos a conhecerem a sua própria história? (MUNDURUKU, 2002, p.41)

Segundo Munduruku (2002), a importância de políticas públicas que venham ajudar a propagar mais a História indígena é essencial para retratá-la como realmente ela é, sem estereótipo e camuflagem, pois vários indígenas não conhecem seu passado, de onde vieram, das lutas travadas de seus antepassados para chegar aos dias atuais.

A Constituição Federal de 1988 faz várias referências sobre a questão indígena. O artigo 231 aborda a questão em que “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam” (BRASIL, 1988, p.150).

O artigo 210 da Constituição Federal aborda questões sobre o Ensino Fundamental, em que no parágrafo segundo “assegura às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (BRASIL, 1988, p.139).

Através da Constituição Federal de 1988, os indígenas tiveram amparo legal para manter suas culturas e suas terras demarcadas conforme a lei. Quebrando, assim, vários tabus impostos pela sociedade não indígena, tornando possível uma convivência passiva entre os povos, uma sociedade de várias línguas e culturas.

Desse modo, para que os indígenas não se considerem povos distintos e primitivos como a sociedade os trata, é necessário desmistificar a ideia de que vivemos em ocas, andamos nus e “comemos pessoas”. Um pensamento equivocado sobre os povos indígenas, pois são seres humanos igual qualquer outro, porém, o que os diferencia é o modo de ser, seus costumes, sua cultura. Segundo Ramos,

Usar roupa, relógio de pulso, sandália havaianas ou rádio transmissor faz um índio se tornar branco tanto quanto um colar de contas, uma pulseira de fibra, uma rede de algodão ou uma panela de barro transformam um branco em índio. O que conta é o modo de ser a visão de mundo, a atitude para com a vida, a sociedade, o universo, e isso não se destrói facilmente. (RAMOS, 1981, p.91).

A cultura dos povos indígenas do Brasil é bastante diversificada, cada etnia tem uma maneira específica de se expressar diferenciando-se dos demais. Através desses povos, hoje o Brasil é um país miscigenado, os indígenas também contribuíram bastante para a sociedade mundial, através da domesticação de vários alimentos.

A questão indigenista foi bastante discutida na época da colonização sempre abordando as questões dos diferentes grupos como seus costumes, sua língua e seus rituais. Usando esses pretextos, os colonizadores portugueses tentaram e conseguiram catequizar e escravizar os povos indígenas por vários anos. De acordo com Faustino

[...] a empresa da colonização logrou aliar a exploração da força de trabalho dos indígenas com a submissão via catequese e instrução. Logo de chegada, o objetivo do projeto colonizador foi inserir estas populações no sistema mercantil como mão-de-obra escrava a ser utilizada na exploração de riquezas comercializáveis. Neste projeto de extração de riquezas, no Brasil, a educação escolar exerceu um papel fundamental. Por meio da instrução e evangelização, objetivou-se a ensinar aos indígenas a língua dominante (o português) e os costumes civilizados para que os indígenas abandonassem sua forma “primitiva” de viver e se integrassem à civilização. (FAUSTINO, 2011, p.2):

Percebemos na citação de Faustino a desvalorização de que os indígenas sofriam, pois eram vistos somente como mão-de-obra e obrigados a adotarem novos costumes e outra língua diferente da sua, somente pelo motivo dos colonizadores se acharem superiores e civilizados.

O método usado pelos catequizadores jesuítas vinha de aspectos contrários e negava a cultura, os costumes e a língua dos povos indígenas que:

[...] os povos indígenas foram submetidos a um choque cultural, produzido pelo embate entre práticas e concepções pedagógicas bastante diferenciadas. De um lado, os princípios de uma sociedade, cuja educação não dependia da escola, da escrita e de castigo físicos. De outro, as normas e regras de uma sociedade letrada, dependente da escola e da palmatória que- acreditava-se – corrigia erros e, portanto, educava. Esse choque ocorreu em diferentes regiões do país, com consequências trágicas para as sociedades indígenas e suas culturas. (FREIRE, 2004, p17-18).

Muito diferente dos ensinamentos indígenas, os portugueses tinham uma forma diferente de viver, com outros pensamentos, e impuseram esses pensamentos e seus modos de vida aos povos que aqui já estavam. Os indígenas, por sua vez, passavam seus ensinamentos de pai para filho através da oralidade, por não ter o costume de registrar seus conhecimentos.

[...] os ensinamentos eram transmitidos de pais para filho com o reconhecimento de saberes e vivências coletivas. Esses se utilizavam das práticas cotidianas através do uso da arte, lendas, mitos e ritos de passagens de caráter religioso e público para que a transmissão do conhecimento, a sociabilidade e integração ao grupo se efetivasse. (WENCZENOVICZ e BAEZ 2016, p.2).

Atualmente, há várias etnias que não têm o costume de deixar registrado os acontecimentos de sua vivência, sendo, portanto, transmitidos de geração para geração através da oralidade e de seu convívio na sociedade. Cabe então aos mais velhos o dever de transmitir esses ensinamentos e conhecimentos adquiridos desde sua infância para filhos e netos.

Atualmente no Maranhão existe somente algumas etnias que sobreviveram aos ataques de invasores de terras, doenças, entre outros. Os outros povos como os Tupinambás, Barbados, Tremembé, Araioses, Kapietrã, entre outros deixaram de existir. Vale ressaltar que esse grupo de sobreviventes de indígenas estão espalhados por 31 dos municípios maranhenses representando 15% do total de cidades do Estado.

De acordo com Coelho a estratégia dos capuchinhos era impor nova visão de mundo aos Tenetehara / Guajajaras, sem fazer uso da força física, apesar de não ter a eficácia simbólica esperada, pois os indígenas não reconheceram o poder dos missionários. A não sujeição destes índios às tentativas “dissimuladas” de civilização levou os frades a fazerem uso da violência física. (COELHO, 2014, p.15).

Ainda hoje existe conflito entre os povos indígenas contra invasões de fazendeiros, posseiros e madeireiros nas terras indígenas no Estado do Maranhão. Muitos indígenas ainda lutam por suas terras em conflitos constantes defendendo seus direitos, para manter suas tradições.

A Constituição brasileira garante aos indígenas as terras tradicionalmente ocupadas e necessárias à sobrevivência de sua cultura. No entanto, os problemas enfrentados são muitos e a maior deles gira em torno da posse de terras, um problema que se arrasta desde a chegada dos portugueses no território brasileiro.

Arame é um município do Estado do Maranhão, fundado em 17 de janeiro de 1988 (31 anos), localizado no Centro maranhense, faz fronteiras com os municípios de Grajaú, Santa Luzia, Buriticupu, Itaipava do Grajaú, Amarante do Maranhão e Marajá do Sena. Distância para a capital São Luís é de 476 km, sua área é de 3.044,801 km². Sua população estima-se em 31.568 habitantes segundo o IBGE 2010.

Existem em seus arredores várias aldeias que estão localizadas na Terra indígena Arariboia, as etnias existentes nesta reserva são os Tenetehara/Guajajara e os Awa Guajá. Muitas dessas aldeias ficam às margens da MA-006 e diariamente esses indígenas estão em contato com o povo de Arame.

Através de movimentos e de reuniões entre eles, buscam-se melhorias para as suas aldeias, atualmente a nova geração indígena vê a necessidade e a importância de deixar registrado suas vivências para que não se perca ao longo do tempo a sua cultura.

Os indígenas literatos são frutos de uma resistência que vem de longo tempo. Cada vez mais jovens indígenas estão buscando registrar as histórias orais de seus antepassados para mostrá-las à sociedade brasileira e diminuindo a distância que sempre houve entre estes dois mundos. Saber que estamos auxiliando a sociedade brasileira a se conhecer melhor, já é um grande feito. (MUNDURUKU, 2004).

Munduruku (2004) menciona a importância de um indígena registrar os acontecimentos que ocorreram em seu habitat e fazerem o registro desse conhecimento por escrito para a sociedade não indígena para que esse povo possa conhecer a realidade indígena como ela é. Para que se mude essa visão estereotipada que se tem sobre os indígenas em geral.

Apesar da cidade de Arame encontrar-se no meio da reserva Arariboia, vê-se nitidamente o preconceito nas pessoas em relação aos indígenas, uma triste realidade e falta de informação sobre este povo, muitos vêm sofrendo ofensas e maus tratos pelo simples fato de ser “índio”.

No entanto, cabe aos indígenas desfazerem essa má impressão que lhes é imposta através de 5 séculos. Palastrine (2011) menciona que este tabu vem sendo desconstruído através do próprio “índio” que passou a escrever suas histórias a partir do seu ponto de vista e não do ponto de vista do outro. Isto é uma conquista de nossas lutas para manter nossas tradições vivas.

Cultura, festas e rituais

Ritual é uma cerimônia através da qual se atribuem virtudes ou poderes essenciais

à maneira de agir, aos gestos, às fórmulas e aos símbolos usados, capazes de produzirem determinados efeitos ou resultados, em um processo continuado de atividades organizadas cuja prática está relacionada a ritos, envolvendo cultos, doutrinas e seitas, encontradas não só na vida religiosa, mas em todas as esferas culturais.

Podemos dizer que o ritual é uma rotina, algo que é praticado diariamente, uma regra ou estilo usado em um combinado entre pessoas. Segundo Durkheim,

[...] a própria ideia de cerimônia religiosa de alguma importância, desperta naturalmente a ideia de festa. Inversamente, toda festa... apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, as vezes até que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado para fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias. (DURKHEIM 1989, p.456)

Nesse sentido, o autor aborda a importância das festas e rituais para as sociedades, pois, segundo ele, as pessoas deixam de lado os problemas do dia a dia e são transportados para outro lugar em um transe que faz bem para o corpo e para a alma.

De acordo com Bakhtin (1987, p.7-8), as festividades (qualquer que seja o seu tipo) são uma forma primordial, marcante da civilização humana. Não é preciso considerá-las nem as explicar como um produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo nem interpretação mais vulgar ainda da necessidade biológica (fisiológica) de descanso periódico. As festividades tiveram sempre uma concepção de mundo.

Podemos dizer então que cada povo ou sociedade tem uma maneira de se expressar através de festas e rituais que cada um traz ao longo do tempo passando de geração para geração, essas festas são maneiras de agradecer ou pedir algo e faz parte da cultura de cada povo. Muitas delas podem ser modificadas ou esquecidas ao longo do tempo.

No Brasil, as festas surgiram desde os primeiros séculos de colonização, ocorrendo sempre em um espaço onde todas as pessoas poderiam socializar-se, essas manifestações populares ocorriam em igrejas ou em casarões reservados para estes momentos. Wernt afirma que:

A religião era o núcleo firme da convivência, foi ela que impregnou todas as manifestações da vida social. As festas e manifestações religiosas constituíam uma forma de reunião social, sobretudo nas regiões rurais, dos engenhos e fazendas isoladas. O sagrado e o profano andavam unidos e juntos. As procissões e as festas religiosas quebravam a monotonia e a rotina diária, sendo, na maior parte das vezes, uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e se divertir. (WERNT, 1987, p.24-25)

Atualmente algumas festas religiosas mobilizam milhões de pessoas em todo o país, herança que foi adquirida no tempo da colonização, umas se fixaram e outras foram se adequando ao longo do tempo, misturando-se com outras festas trazidas pelos africanos e portugueses e aqui já se encontravam as festas dos povos indígenas.

É através dessa mistura que afirmamos nossa identidade, pois no Brasil há várias diversidades de festas e rituais, nas quais todos podem participar e tudo isso só foi possível pela mistura desses povos.

No entanto, podemos dizer que o ser humano em si é um ser de cultura, sendo assim através da cultura pode transformar uma sociedade e tudo que existe ao seu redor. Hall afirma que:

A cultura possui três características: ela não é inata, e sim aprendida; suas distintas facetas estão inter-relacionadas; ela é compartilhada e de fato determina os limites dos distintos grupos. A cultura é o meio de comunicação do homem. (HALL, 1978, p. 80.)

O autor fala que a cultura é algo que se aprende ao longo do tempo em contato com o outro, contudo, não é algo que nascemos ou que adquirimos assim que nascemos, mas sim um processo de aprendizagem que obtemos através de novos conhecimentos contraídos com outras pessoas. Fleury e Fischer indicam que

A cultura é concebida como um conjunto de valores e pressupostos básicos expresso em elementos simbólicos, que em sua capacidade de ordenar, atribuir significações, construir a identidade organizacional, tanto age como elemento de comunicação e consenso, como oculta e instrumentaliza as relações de dominação. (FLEURY e FISCHER,1989, p.117)

Sendo, assim, podemos afirmar que por cultura entende-se bem como um modo coletivo de pensar, agir e sentir sendo compartilhadas por diversas pessoas, um resultado de ações decisivas que podem ser transmitidas por partes de um determinado grupo.

Para os indígenas existem dois mundos, em um está nosso corpo protetor da alma e nele há várias divindades a quem eles prestam cultos, muitas dessas manifestações são realizadas para a busca da cura de doenças, em que eles buscam os espíritos de animais, os espíritos das águas ou de sábios ancestrais para encontrar uma forma de eliminar o problema.

A prática do xamanismo indígena é um ritual milenar, no qual eles procuram por meio da natureza e dos espíritos manter a harmonia na vida da tribo e respeitar os seres que contribuem para esse equilíbrio.

É necessário considerar o xamanismo do ponto de vista coletivo. Antes de pesar sobre a motivação individual dos xamãs e seus poderes “mágicos” é preciso reconhecer a prioridade do sistema de representações coletivas das representações compartilhadas [...]. Porém, o sistema xamânico precisa estar manifestado, tornando-se concreto através do rito, do mito, da arte e de outras manifestações simbólicas (LANGDON 1996, p.26)

Esse processo ainda ocorre na etnia tenetehara e muitas aldeias recorrem ao xamanismo em que pajés e as pessoas mais velhas das aldeias se reúnem para praticarem rituais em agradecimento ou para pedir algo aos espíritos. Porém, esses rituais veem enfraquecendo por consequência da entrada de missionários nas terras indígenas para evangelizar os povos indígenas.

Os Tenetearas da Aldeia Cururu

A Terra Indígena Arariboia fica localizada nos municípios de Amarante do Maranhão, Arame, Bom Jesus das Selvas, Buriticupu e Santa Luzia, nela reside os povos da etnia Tenetehara/ Guajajara e os AwáGuajaja. Os da etnia Awa são nômades que vivem somente da coleta de alimentos encontrados na natureza e da caça de alguns animais.

Os indígenas da etnia Tenetehara/Guajajara são povos de uma cultura vasta. O nome guajajara significa “donos do cocar”. Há outra autodenominação mais ampla, que inclui os Tembé, porém, menos usada atualmente: Teneterahara, cujo significado é “ser humano verdadeiro”.

De acordo com a FUNAI (Fundação Nacional do índio) os Teneteheraras/Guajajara são um dos povos indígenas mais numerosos do Brasil. Habitam mais de 10 (dez) Terras Indígenas

na margem oriental da Amazônia, todas situadas no Maranhão. Hoje são aproximadamente 27.616 mil pessoas e estão cercados pelos rios Pindaré, Grajaú, Mearim e Zutiua. São povos que vivem da caça, da pesca e do cultivo de alguns alimentos como: milho, arroz, mandioca, batata doce, fava, abobora, macaxeira, melancia e melão.

Atualmente a festa que ainda prevalece é a festa do moqueado, também conhecida como a festa da menina moça, mas já existiu também a festa dos rapazes e a festa do mel que se perdeu ao longo do tempo, porém, hoje em dia já existe um processo de resgate dessas festas que deixaram de serem realizadas.

A cultura dos povos Tenetehara/Guajajaras, além das festas e rituais, está voltada também para a confecção de materiais artesanais: como abano, cofos, tapitis, kihaw (rede), panacu, peneiras e quibanes, materiais usados no dia a dia da aldeia e feitos de palhas de coco babaçu. Os adornos usados pelos indígenas Tenetehara são: pulseiras, cocar, colar e brincos, todos confeccionados artesanalmente.

Na aldeia Cururu, os indígenas ainda realizam a festa do moqueado, uma tradição que está na aldeia desde a sua fundação. Também confeccionam materiais artesanais para seu uso pessoal, cultuam o deus Túpam, e outros espíritos da natureza como a mãe Dágua.

Caracterização da Aldeia Cururu

A aldeia Cururu fica localizada nas margens da MA-006 no município de Arame, Terra Indígena Arariboia. Segundo a FUNASA (Fundação Nacional de Saúde) a aldeia possui 36 famílias e 246 pessoas no total. Possui uma escola que funciona de 1º ao 5º ano, um posto de saúde, uma casa de farinha e um poço artesiano. As casas da aldeia quase todas ainda são de palhas e barro.

Uma aldeia que foi fundada pelos pais do cacique Zequinha, um dos indígenas mais velhos da aldeia, que vieram fugidos da região do Buriticupu, por causa dos invasores das terras onde os indígenas residiam e tomaram posse como se fosse suas.

Segundo o “capitão Zequinha” como era e é conhecido até hoje, os indígenas vieram fugindo dos invasores até chegar no lugar que hoje se chama aldeia Cururu. Até hoje ainda vive em uma luta constante por suas terras.

Busca-se também pela preservação da natureza onde se combate diariamente a invasão de caçadores e madeireiros que destroem e desmatam em busca de madeiras para a comercialização ilegal.

As lideranças da aldeia Cururu buscam também a valorização da cultura e a preservação da festa moqueado “menina moça”, a única que ainda prevalece na aldeia juntamente com outras aldeias, pois veem que essa festa já está se perdendo e se desvalorizando.

As manifestações culturais da Aldeia Cururu

Entende-se por manifestações culturais toda forma de expressão humana, seja através de celebrações e rituais ou através de outros suportes como imagens, cujo objetivo é agradecer ou pedir algo aos espíritos que cada sociedade acredita e cultuam.

As manifestações populares, sejam de cunho religioso ou não, possuem um caráter ideológico uma vez que comemorar é, antes de mais nada, conservar algo que ficou na memória coletiva (PAIVA, 2001).

Na etnia Tenetehara/Guajajara da aldeia Cururu os deuses ainda são cultuados apesar da interferência missionária, também é bastante viva a festa da menina moça, a única festa que prevalece nesta aldeia.

Cultua-se Tupã, o deus de todas as coisas, através de cânticos e orações em agradecimento à vida, à chuva, ao sol, pela colheita bem-sucedida e por todas as coisas boas que ocorrem.

Tupã na língua tupi significa trovão. Para eles, Tupã não era exatamente um deus, mas sim uma manifestação de um deus na forma do som do trovão. Para os indígenas, antes dos jesuítas os catequizarem, Tupã representava um ato divino que era o sopro, eles acreditavam

também que ele era o deus da criação, o deus da luz e sua morada seria o sol.

Para o indígena Tenetehara Edilson Ribeiro Guajajara “Tupã é uma divindade quem os Tenetehara acreditam ser o criador de todas as coisas existentes na terra, exemplo: rios matas, animais, ar e etc...”

Uma definição que todos os indígenas desta etnia se identificam com a divindade Tupã. Para eles, este deus é um ser supremo, quem todos precisam adorar, um ser “mágico” que está em todos os lugares e em tudo que existe no universo.

Os indígenas da aldeia Cururu cultuavam também a mãe D’água, mais com o passar do tempo quando os mais velhos foram morrendo, este ritual deixou de existir, porém têm-se relatos muito interessantes e importante sobre esta divindade, um ser que de acordo com alguns entrevistados tem um poder sobrenatural de cura.

As perguntas feitas a alguns indígenas da aldeia Cururu em forma de entrevista têm como objetivo entender como era feito esses cultos, qual sua função no meio social, como também compreender o meio de vida de cada indivíduo daquela aldeia. Na ocasião foram entrevistados os indígenas, José Marcos Guajajara, Dinorá Wyrari Guajajara e Ivaldo Wyrari de Souza Guajajara, que relataram um pouco sobre a sua vivência e sobre a cultura da aldeia Cururu.

Conversando com o indígena José Marcos Guajajara, pedi que ele falasse um pouco “quais rituais e festas ainda são praticados na aldeia Cururu?” Ele me respondeu que: “a festa do moqueado, que geralmente sempre praticado no mês de setembro”. Ele ainda falou que: “a festa da menina moça é feita aos 12 anos de idade, da sua primeira menstruação. A festa do moqueado ainda é a única festa que prevalece na aldeia Cururu, ocorre sempre no mês de setembro, com uma ou várias meninas que menstruam pela primeira vez, esse ritual é de suma importância para a sociedade indígena da etnia Tenetehara, pois é através dessa passagem que se inicia uma nova fase na vida dessas “meninas moças”.

Depois desse processo elas podem sair da tocaia, mas para isso há toda uma organização. Do lado de fora está a sua avó com uma bacia com um banho preparado para ela com ervas, que irão protegê-la durante toda a sua vida. Há também o pai ou irmão da moça que irá conduzi-la até a sua avó que estará lhe aguardando para o banho, neste momento a avó abençoará sua neta para que os espíritos maus não lhe acompanhem e que sua vida seja longa. Esse momento ocorre sempre ao amanhecer.

A partir daí é dado ao pai e aos outros homens da aldeia seis (6) meses para caçarem os animais que são próprios para a festa do moqueado, como o macaco, as aves, a cotia, o veado, a preguiça, o porco-do-mato entre outros. As caças são defumadas e guardadas até o dia da festa marcada pelo pai da moça. Outras aldeias são convidadas para esse evento. Quando a caça chega a aldeia é recebida pela moça e as mulheres da aldeia com muita cantoria. Essas caças, antes de serem preparadas, são defumadas, elas passam trinta (30) dias em um girau com brasas em baixo, pois irão aguardar um bom tempo até que chegue o dia da festa. No dia em que acontece a festa da menina moça ou moqueado, as mulheres da aldeia fazem o preparo das caças, que serão cozidas e depois misturada com farinha de mandioca (farinha de puba).

Posteriormente são colocadas em um cesto feito de palha especialmente para esse momento, onde as meninas irão servir às pessoas ali presentes. A partir deste momento as moças já passam a assumir novas responsabilidades dentro da comunidade, novos ensinamentos que irão servir para toda a vida. São entregues para estas moças um canudo, preparado com a fumaça da carne da lambu (ave), esse canudo simboliza a fertilidade, para que essas moças possam ter muitos filhos e manter a continuidade de seu povo. Durante toda a festa essas moças ficam com esse canudo nas mãos.

O motivo para se ter várias moças para a festa do moqueado é a despesa do ritual que, por sua vez, é um processo demorado, por isso as famílias se reúnem para fazer somente uma festa durante o ano. Perguntou-se a outra indígena Dinorá Wyrari Guajajara “como era feito o ritual para a mãe D’água” Ela respondeu que para as mães D’águas que segundo elas são várias. Quando elas saíam de dentro da água vinha voando não pisavam no chão, eram mulheres loiras e morenas, cabelos longos vestidas de branco, quando cantavam elas vinham em um grupo de 10(dez), pegavam em brasas e colocavam nas mãos das pessoas que ali estavam cantando, mais

eles não se queimavam. Hoje já não existe mais, as cantorias para a mãe d'água, porque só os mais velhos que cantava e os mais novo não quiseram aprender. Tem cantoria para moqueado e para festa dos rapazes, mais não para as mães d'água.

A indígena fala que já não existe mais um dos rituais que era considerado um dos mais importantes da aldeia, onde se cultuavam diversas entidades religiosas, um momento de fé e de agradecimento às bênçãos e às curas recebidas, segundo Dinorá, esse ritual era feito à noite inteira em que cantavam para esses espíritos que vinham para comer a oferenda que os indígenas preparavam para elas como forma de agradecimento.

Perguntei ainda “o que mudou nas tradições da aldeia e qual é a maior preocupação que os indígenas têm em relação à cultura de seu povo?” Segundo José Marcos, respondeu que: Mudou porque nem todas as aldeias quase não pratica mais esses rituais e a minha preocupação é perder essa cultura e ritual, festa da menina moça. Já perdemos a festa do mel e da mãe d'água e a festa dos rapazes.

Essa preocupação não é só do indígena José Marcos, mas sim de toda a sociedade, vista com muito temor à perda de suas tradições e cultura. Muitos já se sentem ameaçados porque muitos dos jovens já não querem mais participar das festas e dos rituais que fazem parte da cultura da aldeia, no entanto, vê-se o esforço de várias pessoas que estão empenhadas para que essas tradições não se percam.

Segundo os entrevistados, quando perguntados sobre “quais providências estão sendo tomadas pelo povo Tenetehara para que seus costumes, tradições, crenças e a cultura não sejam esquecidas?” Obtive a seguinte resposta: “na região do Amarante está sendo resgatado a festa do mel, a festa do moqueado, mas falta ainda a festa do milho e mãe d'água. Cada uma dessas festas tem seus cantos diferentes”.

A festa que está sendo resgatada como a festa dos rapazes, é também um processo que acontece com a passagem de menino para a puberdade e posteriormente para a vida adulta, onde eles irão se tornar guerreiros, caciques e pajés na aldeia. Essa festa é realizada quando o pai percebe que o filho aos 13 anos ou quando passa a mudar a voz e o corpo.

A partir desse momento, os pais reúnem-se com a comunidade, com o intuito de buscarem apoio para realizar a festa, principalmente, com os alimentos que serão servidos no decorrer da festa. As mães dos rapazes ficam com a obrigação de confeccionar os enfeites (cocar, colares, braceletes e esteiras) que serão utilizados durante a festa, além disso, elas são responsáveis pela preparação dos jovens durante o período em que ocorre a festa.

No dia da festa após ao meio-dia, os rapazes iniciam o preparativo. O primeiro momento é reservado para a pintura corporal que também é feito pela mãe, com tinta de jenipapo e urucum, essas pinturas são feitas na casa de um líder da comunidade. Após a pintura são colocadas as plumagens, ao pôr-do-sol os indígenas saem da casa e vão em direção do barracão, o lugar destinado a realização desta festa. No momento em que chegam ao barracão o rapaz ou rapazes são recebidos com os cânticos e colocados em um banco ou esteiras feitas exclusivamente para eles, depois de estarem ali, é proibido que eles se comuniquem com outras pessoas e não podem sair do local.

Ao nascer do sol, a cantoria se intensifica cada vez mais, todos se reúnem em uma grande roda, esse momento é contagiante e todos se emocionam, é algo inexplicável, algo sobrenatural. Na conclusão do ritual ocorre um choro coletivo, em seguida todos os participantes irão felicitar o dono da festa. Terminando o ritual, cada jovem leva seu banco para casa e enquanto estiver pintado, não pode banhar em rios ou mesmo lagos.

Atualmente com o consentimento da FUNAI existe várias igrejas fazendo missões e muitas delas não compreendem ou não veem a cultura dessas etnias como um fator importante para a sociedade indígena, impondo, assim, outros conhecimentos que, no modo de ver dessas igrejas, elas julgam corretos, mudando os costumes dessas sociedades.

Considerações Finais

Este trabalho é fruto das minhas inquietações sobre o destino do meu povo, sempre

vulnerável às mudanças. Atualmente e desde a chegada de outros povos neste território que hoje chamamos de Brasil somos alvos de preconceitos e discriminações de todos os tipos, já fomos vistos como pessoas sem alma, que só serviam como mão-de-obra, um povo que precisava ser catequizado para poder obter a salvação entre outras coisas.

Apesar dos esforços feitos para mudar esta visão equivocada ainda há muitos que prevalecem com esse pensamento em que o “índio” é um ser humano preguiçoso, que não possui cultura, um povo sem civilização.

A partir desses questionamentos passei a estudar mais a fundo o meu povo para que eu pudesse entender mais nossas histórias, nossas crenças e tradições. Para que futuramente eu possa transmitir estes conhecimentos adquiridos para meus filhos e para outras crianças indígenas ou não indígenas, com a finalidade de romper com esse conceito que os outros têm de nós.

Para a minha aldeia em especial, lugar onde nasci e me sinto como parte complementar, senti que através da realização deste trabalho pude contribuir um pouco mais para o avivamento de nossa cultura, a partir do desenvolvimento deste trabalho houve mudanças no modo de pensar dos meus parentes. Um pensamento de que precisamos fazer algo urgente para que as festas e rituais praticados na aldeia não sejam esquecidos e desvalorizados pelo seu próprio povo. Um sentimento gratificante em poder contribuir para que as tradições de meu povo não se percam.

Com o processo “civilizatório” muitas meninas e rapazes já não querem mais participar das festas tradicionais da aldeia sentem-se envergonhados por acharem que não se inserem no modo de viver do “homem branco”. Por esse motivo existe a preocupação dos mais velhos da aldeia para a retomada de sua própria identidade seja reconstruída.

Estes problemas vão aos poucos aniquilando a cultura indígena colaborando para o seu desaparecimento, por esse motivo somos a favor da preservação das festas e rituais que ocorrem nas sociedades indígenas, tão como na manutenção dessas tradições.

Isso torna esse ritual sem valor para essa etnia, um motivo de repúdio para uma festa tão linda e de tamanha importância para a sociedade indígena na qual a menina passa a ter novas responsabilidades de uma mulher adulta na sociedade. Por esse e outros motivos é que vêm-se trabalhando e conscientizando as crianças e os jovens indígenas para que elas se sintam parte essencial e integrante desse processo e que futuramente seja passada para as demais gerações e não seja esquecida pela sociedade Tenetehara.

A intenção do trabalho foi aprofundar mais na cultura Tenetehara, por esse motivo busquei fazer um apanhado geral, das tradições e das festas que aconteciam na aldeia, as que estão em recuperação e as que ainda acontecem na aldeia Cururu. Espero sinceramente ter contribuído de forma positiva para a propagação da cultura Tenetehara. Uma cultura que jamais pode ser esquecida e desvalorizada principalmente pelo seu povo.

Manter a cultura Tenetehara viva é um dever de todos os indígenas que pertence a essa tribo, pois são nossas tradições e nossas festas que nos difere dos outros. É nossa identidade em que nós encontramos com nosso eu e é através desses momentos culturais que nossas forças são renovadas e nos reconhecemos como uma parte fundamental da sociedade indígena.

Referências

BAKHTIN, Mikail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. O contexto de François Rabelais. São Paulo, HUCITEC, 1987.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição [da] República Federativa do Brasil. **Brasília**: Câmara dos Deputados, 1988.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Secretaria de Identidade e da Diversidade Cultural** – 2012.

CARNEIRO, Maria Manuela Cunha Ligeti. **Cultura com aspas e outros ensaios de**

antropologia.São Paulo: Casac Naify,2009

COELHO, Elizabeth Maria Bezerra. **Catequização e Conquista:** a missão capuchinha entre os tenetehara no Maranhão.Petrópolis, Vozes, 2019.

FAUSTINO, R.C. Os Processos Educativos no Brasil e seus projetos para a civilização e inclusão indígena. **Revista HISTEDBR on-line**, Campinas, n. 41, p.188-208, março.2011.

FLEURY, M. T.; FISCHER, R. M. **Cultura e poder nas organizações.** São Paulo: Atlas, 1989.

FREIRE, J. R. B. Trajetória de muitas perdas e poucos ganhos. In: BRASIL. **Educação escolar indígena em Terra Brasilis:** tempo de novo descobrimento Rio de Janeiro: IBASE,2004.

HALL, R. H. **Organizações:** estruturas e processos. Rio de Janeiro: PrenticeHall do Brasil, 1978.

MUNDURUKU, Daniel. **Em busca de uma ancestralidade brasileira.** Fazendo Escola, Alvorada, Secretaria Municipal de Educação Alvorada, 2002.

MUNDURUKU,Daniel. O Caráter Educativo do Movimento Indígena Brasileiro (1970- 1990). São Paulo: Paulinas, 2012. **Coleção educação em foco.** Série educação, história e cultura.